

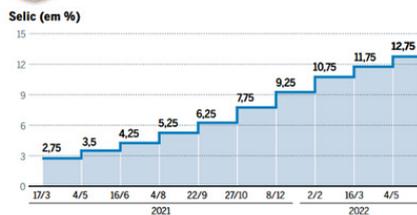
Alta de juros nos EUA e no Brasil dificulta retomada da economia

CONTRA A INFLAÇÃO

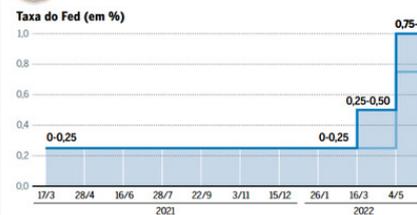
CENÁRIO DE JURO MAIOR

Alta de taxas em Brasil e EUA deve afetar recuperação econômica

POLÍTICA MONETÁRIA PARA SEGURAR OS PREÇOS



Fonte: Banco Central, IBGE, Federal Reserve e BLS



Editoria de Arte

GABRIEL SHINOHARA, VITOR DA COSTA E FERNANDA TRISOTTO

Os bancos centrais do Brasil e dos Estados Unidos elevaram ontem suas taxas básicas de juros, a fim de conter a inflação. Aqui, o Comitê de Política Monetária (Copom), do BC, levou a Selic de 11,75% para 12,75%, na 10ª alta consecutiva. Os juros brasileiros agora estão no maior patamar desde fevereiro de 2017, quando a Selic era de 12,25% ao ano. Já o Federal Reserve (Fed, o BC americano) elevou sua taxa em 0,50 ponto percentual, para o intervalo entre 0,75% e 1%. É o maior aumento desde 2000 e o segundo consecutivo — em março, houve a primeira alta desde 2018, de 0,25 ponto.

A alta dos juros tem por efeito desacelerar a economia e, conseqüentemente, segurar a inflação. Mas o fato de os Estados Unidos também estarem em processo de elevação de sua taxa básica pode acabar fortalecendo o dólar, o que acabaria por manter a pressão inflacionária no Brasil e poderia levar o BC a aumentar mais ainda os juros. Isso esfria a economia e, portanto, dificulta a retomada da atividade econômica. — Diante desse Fed mais agressivo, a gente acabou sucumbindo ao dólar mais forte, e o real saiu de R\$ 4,60 para R\$ 5 ou mais. Essa é uma mudança importante que vai influenciar o modelo do BC, junto com a piora da inflação corrente. É um fator que coo-

pera pra ele sinalizar mais juros — afirma Andrea Damico, sócia e economista-chefe da Armor Capital. **SAÍDA DE ESTRANGEIROS** Felipe Sichel, do ModalMais, ressalta que o aperto monetário mais forte nos EUA deve levar a um enxugamento da liquidez global, o que prejudica mercados emergentes e de maior risco, como o Brasil. Com juros mais altos, os títulos do Tesouro americano ficam mais atraentes para investidores, que retiram seus recursos de outros países e levam para os EUA. Tanto que, em abril, a saída de capital estrangeiro da Bolsa brasileira, a B3, registrou um saldo líquido negativo de R\$ 7,677 bilhões.

Dessa forma, a decisão do Fed é um fator contra o crescimento da economia brasileira, cujas projeções já são de um avanço do Produto Interno Bruto (PIB) inferior a 1%. — Espera-se que o movimento de aperto monetário nos EUA acabe provocando uma realocação do risco. Essa retirada de liquidez global se faz sentir, principalmente contra economias emergentes — afirma Sichel. Marco Maciel, economista da Kairós Capital, avalia que o juro maior nos EUA poderia repercutir no Brasil como contágio via câmbio: — Uma maior alta (do Fed) e a desaceleração da China são duas pressões. Por um lado, juros mais altos, por outro a procura por commodities crescendo me-

nos. Isso faz com que as moedas desvalorizem e inflacionem a inflação. O Banco Central pode atuar nos juros ou com leilão de swap cambial (que equivale a uma venda de dólar no futuro). Em nota, a Confederação Nacional da Indústria disse considerar “equivocada” a alta da Selic. “Este novo aumento da taxa de juros deve comprometer ainda mais a atividade econômica, que já dá claros sinais de fraqueza.” **CICLO MAIS LONGO** Em seu comunicado, o Copom afirmou que “antevê o provável uma extensão do ciclo com um ajuste de menor magnitude”. Ou seja, haveria mais uma alta de juros na próxima reunião, com um ajuste menor do que 1 ponto, mas o

texto não aponta qual seria. Em março, a avaliação era que o ciclo de alta dos juros terminaria este mês, com a Selic a 12,75%. O comunicado de ontem deixou claro que isso não é mais verdade. O último Boletim Focus, que reúne projeções de analistas de mercado, aponta a Selic a 13,25% no fim deste ano. “O Comitê nota que a elevada incerteza da atual conjuntura, além do estágio avançado do ciclo de ajuste e seus impactos ainda por serem observados, demandam cautela adicional em sua atuação”, aponta o documento. O comunicado aponta a deterioração do cenário externo. “As pressões inflacionárias decorrentes da pandemia se intensificaram com problemas de oferta advindos da nova onda de Covid-19 na China e da guerra na Ucrânia.” E resalta que o aperto monetário que vem sendo adotado nos EUA e outros países avançados “eleva a incerteza e gera volatilidade adicional”.

‘SURPRESA INFLACIONÁRIA’ O Copom diz ainda que a inflação no Brasil “seguiu surpreendendo negativamente”. A avaliação da economista-chefe do Banco Inter, Rafaela Vitória, é que o BC fará mais uma alta, de 0,5 ponto, levando a Selic a 13,25% ao ano, para então encerrar o ciclo de elevação dos juros: — Tivemos surpresas inflacionárias depois da última reunião, e isso resultou em novas revisões de expectativas, ou seja, estas ainda estão desancoradas pelo menos para 2023. Essa é uma preocupação do Copom, por isso ele quer estender o ciclo.

Para 2023, a meta de inflação estabelecida pelo BC é de 3,25%. O Focus, porém, projeta 4,10%. Andrea, da Armor, ressalta que, devido à instabilidade no cenário externo, as estimativas para a inflação têm viés de alta. Para este ano, a projeção do Focus é de 7,89%, bem acima do centro da meta, de 3,5%, com teto de 5%. As decisões sobre os juros levaram volatilidade ao mercado brasileiro. Mas este terminou de forma positiva depois de o presidente Fed, Jerome Powell, descartar altas maiores, como de 0,75 ponto, nas próximas reuniões. Ele afirmou que o consenso é de elevações de 0,5 ponto. O dólar comercial caiu 1,26%, a R\$ 4,90, depois de atingir a máxima de R\$ 5,0356. Já o Ibovespa subiu 1,70%, aos 108.344 pontos, acompanhando os índices americanos. O Dow Jones avançou 2,81%, e o S&P, 2,99%. A Nasdaq subiu 3,19%.

Nova alta reforça atratividade da renda fixa, dizem analistas

Poupança continua a perder da inflação e de papéis como o Tesouro Direto

A nova alta da Selic, para 12,75%, reforça a tendência de valorização das aplicações em renda fixa. Segundo analistas consultados pelo GLOBO, os títulos de renda fixa pós-fixados, que acompanham as taxas de juros, são boas opções, especialmente para quem não quer correr riscos. Para os mais arrojados, os pre-

fixados e os indexados à inflação são boas opções. É preciso sempre ter em mente que a escolha de onde alocar seu dinheiro deve levar em conta seu perfil de risco e o prazo da aplicação. A maior parte dos fundos de renda fixa DI deve ter rendimento superior ao da poupança, mesmo com taxas de admi-

nistração acima dos 2,5%. Os analistas lembram que é possível manter apostas na Bolsa. O estrategista de Investimentos do Santander, Arley Junior, lembra que títulos de renda fixa pós-fixados, como o Tesouro Selic, que acompanham a taxa de juros, tendem a ser beneficiados: — São produtos bastante

procurados pelos investidores, porque permitem resgates de forma rápida e têm rentabilidade diária. Ainda na renda fixa, destacamos os títulos de crédito privado, que costumam pagar taxas ainda mais interessantes e podem ser pós-fixados, prefixados ou atrelados à inflação. Arley também vê oportunidades nos fundos multimercados, que dão ao gestor liberdade e flexibilidade. **OPÇÕES DE MAIOR RISCO** A chefe de economia da Rico, Rachel de Sá, também aponta o Tesouro Selic e os fundos DI como boas opções para uma reserva de emergência. Já pa-

ra investimentos de médio prazo, ela cita os títulos atrelados à inflação, que pagam a inflação do período mais uma taxa, como o Tesouro IPCA+. Mas, ressalta, é preciso manter o papel até o vencimento para não perder dinheiro. Para quem está disposto a correr mais riscos, há outras opções na renda fixa. Como os fundos de inflação, que compram títulos públicos atrelados ao IPCA, os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs) e do Agronegócio (CRAs) — ambos isentos do Imposto de Renda — e as debêntures incentivadas. Também pode-se obter retornos maiores com os Cer-

tificados de Depósito Bancário (CDBs) de bancos de menor porte. O risco é maior, mas esses papéis são cobertos pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC), até o valor de R\$ 250 mil por CPF. Com relação à poupança, Rachel lembra que ela continua a perder da inflação e do Tesouro Selic. E a Bolsa? A alta dos juros, dizem especialistas, não significa que a renda variável deva ser abandonada. Para quem aceita correr mais riscos, há empresas com bom desempenho cujos papéis estão baratos. — Ainda vemos bastante espaço para ganhos na Bolsa — diz Rachel. (Vitor da Costa)



Juros em alta no Brasil e nos EUA

A inflação está mais alta, mais espalhada, mais resistente e mais imprevisível. Ao Banco Central só cabe tentar levá-la de volta à curva descendente. E é isso que deverá conseguir no segundo semestre, mas ontem foi dia de elevação dos juros novamente. Em 14 meses, desde março do ano passado, os juros saltaram de 2% para 12,75%. E o BC indicou que é provável uma nova elevação da Selic em junho, o que deve levá-la para 13,25%. Ontem, houve pelo menos um alívio pelo banco central americano. Ele acelerou o ritmo de alta dos juros para meio ponto, mas praticamente descartou um passo ainda mais rápido, de 0,75% nas pró-

ximas reuniões. Isso ajudou a conter o dólar aqui no Brasil.

A inflação no país vem sofrendo pressões de vários lados. Da economia internacional, há o choque nos preços agrícolas pela guerra entre Rússia e Ucrânia e as novas medidas de lockdown na China, que afetam as cadeias de produção, com impacto nos produtos industriais. A expectativa de aumento dos juros nos EUA e o risco de desaceleração da economia chinesa reverteram parte dos ganhos que as moedas de países exportadores de commodities, como o real, tiveram no primeiro trimestre.

Internamente, há os conflitos institucionais e as ameaças do presidente Jair Bolsonaro sobre o processo democrático, que aumentam as incertezas e contribuem para o enfraquecimento do real. Como pode ser visto um país em que o presidente agride a Suprema Corte, ameaça a realização das eleições e quer uma apuração militar paralela da contagem dos votos? As tensões fabricadas se somam aos riscos externos. Tudo isso mantém o IPCA na casa de dois dígitos, patamar em que está desde setembro.

Esse período prolongando com a taxa elevada estimula a indexação dos preços e salários e torna mais difícil o trabalho do Banco Central de trazer o índice para o centro da meta. Há ainda um outro componente que vem sendo apontado cada vez mais pelos

economistas. O governo Bolsonaro tem dado estímulos fiscais para tentar melhorar a sua popularidade em ano eleitoral e isso contribui para sabotar o esforço da política monetária de esfriar a economia.

Desde a última reunião do Copom, no dia 16 de março, houve uma forte piora das expectativas de inflação. Pelos dados do Boletim Focus, que reúne projeções de dezenas de instituições financeiras, o mercado elevou o seu número de 6,45% para 7,89%, para 2022, e de 3,7% para 4,1%, para 2023. O BC, no comunicado da sua decisão ontem, mostrou dados mais otimistas do seu modelo:

7,3% e 3,4%. Ainda assim, isso significa estouro do teto da meta este ano e um número acima da meta do ano que vem. No mercado, há instituições bem mais pessimistas. O banco francês BNP Paribas, por exemplo, avalia que o IPCA chegará em dezembro em 10%, enquanto o americano JP Morgan fala em uma taxa de 8%.

A volatilidade do dólar mostra ao Banco Central que é arriscado contar com uma ajuda do câmbio. Desde a última reunião, a moeda americana caiu de R\$ 5,08 para R\$

4,60, depois voltou a ficar acima de R\$ 5,00, e ontem despencou para R\$ 4,90. Nos momentos de alta acentuada, o BC brasileiro foi obrigado a vender mais de US\$ 2 bilhões em reservas: US\$ 1,5 bilhão no mercado futuro e US\$ 573 milhões no mercado à vista.

Nos EUA, o aperto nos juros tende a fortalecer o dólar, apesar da queda de ontem. O mercado já dava como certa uma alta de 0,5%, e o receio era que o próximo aumento fosse ainda maior, de 0,75%. Por isso, o dia foi de alívio. O Fed é o mais importante banco central do mundo, e os seus movimentos tendem a ser na menor medida, ou seja, em altas de 0,25%, para diminuir as turbulências nos mercados mundiais.

O PIB americano caiu 1,4% no primeiro trimestre, mas isso não mudou o ciclo de aperto nos juros. É consenso que a economia dos EUA continua aquecida, com a taxa de desemprego em nível historicamente baixo, de 3,6%, e aumento do consumo e dos salários. O PIB caiu porque houve mais importações e cortes de gastos do governo, mas a demanda privada, que inclui consumo e investimentos, teve uma forte elevação de 3,7%.

Os americanos enfrentarão a alta dos juros com a economia aquecida. O Brasil está enfrentando um choque monetário durante uma fraca recuperação. Ou seja, aqui é pior.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 11 e 12